



Esalq pesquisa maciez da carne de nelore

Quem aprecia uma boa carne bovina torce para que ela tenha maciez na hora de cortá-la e mastigá-la. Pensando nessa característica tão importante, o pesquisador do Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) de Piracicaba, Luiz Lehmann Coutinho, realiza um trabalho sobre o tema com os alunos, Tássia Mangetti Gonçalves e Vinícius Henrique da Silva, ambos zootecnistas.

Futuramente, os dados serão utilizados na melhoria genética do gado de corte dessa importante raça no Brasil

Participa também a veterinária Luciana Correia de Almeida Regitano, pesquisadora da Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa), unidade Pecuária Sudeste, em São Carlos. Coutinho e seus parceiros estudam a influência da genética na qualidade e maciez da carne na raça nelore, que responde por cerca de 80% do gado brasileiro.



Influências – Embora esteja no início, o estudo tem se mostrado bastante amplo e os pesquisadores já detectaram que realmente a sequência genética do animal influi na qualidade da carne.

“Mesmo assim há outras formas de influência, como o manejo do gado e os métodos de nutrição no campo e no cocho”, ressalva o agrônomo da Esalq, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado. “É um conjunto de fatores”, observa.

Ele conta que a intenção de todos que pesquisam esse tema complexo é, futuramente, elaborar um estudo final que possa ser levado ao campo, para melhorar geneticamente os animais. “Há vários

pesquisadores que trabalham em técnicas de nutrição e maior produção animal, enquanto nós almejamos a melhoria genética.” O estudo de Coutinho e seus parceiros é realizada em animais que pertencem à Embrapa de Gado de Corte, em Campo Grande (MS).

Genoma – A zootecnista Tássia, que faz doutorado nos Estados Unidos, salienta que o estudo será de extrema importância para o agronegócio brasileiro. “Com o uso de informações de genomas no melhoramento, há aumento de ganho na qualidade do produto e eficácia na seleção de indivíduos, gerando uma nova era na ciência animal”, complementa.

A boa qualidade da carne (que tem na maciez do bife a principal característica) tende a ser cada vez mais item de relevância não apenas para o consumo interno, mas também para exportação. No ano passado, saíram do Brasil aproximadamente 1,4 milhão de toneladas de carne bovina rumo a dezenas de países. A maior parte, cerca de um milhão de toneladas, na forma *in natura* (fresh beef). O restante, miúdos, carnes industrializadas, etc. Os números são da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

Além da Embrapa Pecuária Sudeste, a pesquisa da Esalq Piracicaba tem como parceiros a Universidade Federal de São Carlos e o Iowa State University (ISU), dos Estados Unidos. Coutinho observa ainda que existem outros centros de pesquisas no Estado que trabalham com o mesmo tema. Ele cita a USP, câmpus de Pirassununga, e a unidade da Unesp em Jaboticabal.

Otávio Nunes
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial
Assessoria de Imprensa da Esalq/USP

Suplementação animal

Existem solos no Brasil com pouca fertilidade e o capim que nele cresce nem sempre tem boa quantidade de sais minerais, substância importante na nutrição de animais no campo. Por isso, o pecuarista precisa utilizar suplementos minerais (nutrientes com elementos químicos importantes para o crescimento e a saúde) na ração colocada nos cochos para que o rebanho se alimente.

Esses produtos, indicados e formulados por profissionais especialistas em nutrição animal, como zootecnistas, veterinários ou agrônomos, são úteis na alimentação de bovinos, bubalinos, ovinos, caprinos, equinos e até peixes.

O agrônomo Flávio Augusto Portela Santos, do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP, de Piracicaba, explica que

a suplementação mineral é misturada ao sal comum, o cloreto de sódio (NaCl), e adicionada à ração, no cocho. “O cloreto atrai o animal, que acaba se alimentando de outros minerais além do sódio”.

Portela Santos informa que há elementos químicos macro e micros. Os primeiros são formulados em alta dosagem, geralmente em “x” gramas por dia, como cálcio, fósforo, magnésio, enxofre, potássio e sódio. Os micros, em pequenas dosagens diárias (miligramas), são ferro, cobre, manganês, alumínio, etc.

Números da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram) registram que, no ano passado, foram produzidos cerca de 2,69 milhões de quilos de suplementos minerais pelas empresas do ramo em atuação no País.

Nelson Lopes, que tomou posse como presidente da entidade em fevereiro, ressalta que os produtos são vitais para o rebanho, pois suprem carência nutricional que causa prejuízos e provoca males nos animais – redução de apetite, anomalias dos ossos e do couro e diminuição de fertilidade e de crescimento.

O presidente da Asbram lembra que ainda existe um grande mercado a ser trabalhado, significando muitos rebanhos que podem ter sua carne ainda mais macia. “Essa qualidade é cada vez mais necessária, pois o mercado consumidor, tanto interno quanto mundial, está cada vez mais exigente e quer cortes diferenciados e pecuaristas que respeitem a natureza.” A entidade, fundada em 1997, tem 64 empresas associadas.

SERVIÇO

- Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq)
Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba
Mais informações em www.esalq.usp.br
Telefone (19) 3429-4100
- Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carnes
Telefone (11) 3531-7888
Site www.abiec.com.br
- Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais
Site www.asbram.org.br

IAC realiza cursos para profissionais que analisam fertilizantes

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento, por meio do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), irá realizar amanhã, 2. e quinta-feira, 3, em Campinas, o curso Métodos oficiais de análise de fertilizantes e corretivos: teoria e prática. Neste semestre, serão promovidos quatro cursos com conteúdo teórico e prático nos métodos oficiais de análise do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os próximos três ocorrerão nos dias 29 de março, 12 e 26 abril e 10 de maio. As inscrições poderão ser feitas até 22 de março, 5 de abril e 3 de maio, respectivamente. Os treinamentos objetivam contribuir para o aperfeiçoamento de profissionais ligados a laboratórios de análises e a empresas fabricantes de fertilizantes.

A parte prática é desenvolvida no Laboratório de Análise Química de Fertilizantes e Resíduos do IAC – o único no Brasil acreditado pelo Inmetro e credenciado pelo MAPA

para analisar e fiscalizar a qualidade dos fertilizantes. Nesse caso, as amostras são coletadas por fiscais federais nas empresas. “Em fevereiro, recebemos confirmação do Inmetro e estamos acreditados para todas as análises fiscais realizadas nos fertilizantes minerais”, afirma a pesquisadora e coordenadora do laboratório, Aline Renée Coscine.

Os resultados das análises confirmam a garantia informada pelo fabricante nos rótulos dos produtos, abrangendo a qualidade dos fertilizantes e a quantidade a ser aplicada, o que beneficia todas as culturas agrícolas. A eficácia do pronto diagnóstico resulta em economia de recursos naturais e redução de gastos no campo, pois os adubos representam o maior custo no processo de produção. Mais informações em <http://www.iac.sp.gov.br/>.

Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial
Assessoria de Comunicação do IAC

